

# Cadernos Espinosanos

número especial sobre Leibniz



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 34 jan-jun 2016 ISSN 1413-6651



# A QUESTÃO DA INVENÇÃO - UMA REFLEXÃO SOBRE O CONHECIMENTO EM LEIBNIZ

Cristiano Bonneau

Professor, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa,  
Brasil

crbonneau@ig.com.br

RESUMO: Leibniz é um contumaz crítico das filosofias da tradição e de seus contemporâneos. No que se refere à questão do conhecimento, existe na filosofia leibniziana uma oposição clara às gnosiologias mais influentes e determinantes de seu tempo, no caso do cartesianismo, do empirismo e até mesmo do intuicionismo espinoseano. O ecletismo de Leibniz tomou forma a partir de suas críticas, que, segundo algumas interpretações, intentavam conciliar os mais diletos pontos de vista. No entanto, o pensamento de Leibniz envereda por outros campos na questão do conhecimento, assim como o fez reconhecidamente na física, na matemática e na metafísica? Nos propomos a discutir alguns pontos desta questão demonstrando que a ideia de invenção de Leibniz constitui-se em um movimento contra a filosofia da tradição e já reflete a insatisfação do pensador acerca dos rumos tomados pelas ciências em geral no seu tempo. Tendo como base o embate contra o método geométrico, alicerçando-se sobretudo no método matemático, Leibniz estabelece um pensamento que concilia a um só tempo a luz da descoberta e o rigor da demonstração, tendo em vista poder voltar a navegar efetivamente no ‘oceano das ciências’ e em busca da felicidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Leibniz, Invenção, Conhecimento, Pensamento.

A noção de invenção na filosofia de Leibniz toma um lugar importante no universo de sua reflexão sobre o conhecimento. É um dos elementos que fundamentam e enriquecem o amplo espectro de teorias e movimentos que podem embasar uma legítima epistemologia leibniziana<sup>1</sup>. Para tanto, nossa proposta é analisar as implicações da ideia de invenção e como este conceito se aplica ao projeto de Leibniz referente à organização e constituição das ciências. Duas questões nos movem nesta rasteira investigação sobre este termo e que são bem colocadas por Leibniz. A primeira refere-se explicitamente sobre uma inclinação geral a todos os homens e pergunta *por que eles não se contentam com as verdades que eles já possuem?* Nesta mesma rota a outra problemática é colocada por Leibniz em forma de uma afirmação: “haveria sem dúvida, mais razões para as coisas que existem, do que para as coisas que não existem, e que tudo existiria, se assim fosse possível.” (LEIBNIZ, 1923, A, VI, 3, p.472)

A este turbilhão de problemas, que não são poucos muito menos simples, insurge uma preocupação de Leibniz, também como justificativa para o seu projeto de uma nova enciclopédia dos saberes. Ele constata com muita propriedade que existe uma produção infinita nas ciências. A razão moderna abre caminhos extraordinários e profícuos em direção a novos saberes e outras maneiras de se vislumbrar o universo. O paradigma da razão permite novas operações e procedimentos que alicerçam as ciências e as conduzem para novas produções, até então encobertas e desconhecidas. No entanto, este novo mundo, configurado no “oceano das ciências”, produz de forma tão fantástica e fecunda, que

1 Cf. BELAVAL, 1976, p. 46-56: neste texto, um dos capítulos remete à seguinte questão: “Existe uma epistemologia leibniziana?”.

Leibniz constata de antemão o problema que se apresenta: não estamos conseguindo organizar o que se produz enquanto conhecimento. Qual é o resultado deste novo processo?

A criação de um acúmulo de saberes que em última instância se tornará estéril para a humanidade, por incapacidade de organizar a produção científica conforme a sua importância e sua utilidade. Está claro que o problema é pontual, de uma determinada época, cuja constatação advém de um importante pensador que, circulando em todo o centro de produção dos saberes, percebe o caminho difícil pelo qual as ciências estão enveredando. De outro lado, Leibniz parece nos apontar um problema o qual não conseguimos nem de longe refletir, quanto mais enfrentá-lo e buscar uma solução para a questão. As ciências tiveram toda sorte de incentivos, dados por um conjunto de fatores que a alçaram como a nova intermediária entre os homens e seus problemas no mundo. Seja pela criação e consolidação das novas universidades; pela mudança de eixo alavancada pela razão e seu papel fundamental como alicerce dos saberes; seja pela mudança estrutural promovida pela relação de poder entre filosofia e teologia, o que atinge diretamente o coração da metafísica do Ocidente; seja pelo poder econômico que garante os meios de produção e controle de todos os experimentos científicos.

A crise que Leibniz vislumbrou com tanta propriedade na comunidade científica não fora superada ainda em nossos dias. Somos acometidos de dificuldades imensas em nos relacionar com as outras ciências; até mesmo os discursos proferidos dentro de nossos estritos campos de saber correm o risco de permanecerem isolados uns dos outros. Nos agredimos a todo instante por não nos fazer entender; não avançamos no embate teórico, em grande medida por não nos compreendermos a partir do oceano das ciências e sua complexidade

natural. Neste ponto o que seria a virtude do conhecimento, ou seja, seu caráter de universalidade e racionalidade absoluta partindo da univocidade de suas definições e demonstrações, torna-se o nervo exposto e intocável que confirma e aprofunda a incapacidade de comunicação e relação entre os diversos saberes. O que nos parece é que mesmo não sendo eficaz o remédio que Leibniz já propunha, pelo menos, já alertara para o caos no qual o vórtice de nossa consciência estava sendo rapidamente sugado. E este era só o começo. Um registro contemporâneo, feito por Edgar Morin, explicita bem o problema das ciências às quais Leibniz de certa forma já anunciava.

Por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber. O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. T.S.Eliot dizia: ‘Onde está o conhecimento que perdemos na informação?’ (MORIN, 2009, p. 16).

Neste ponto, Morin e Leibniz parecem estabelecer uma conversa. Está muito claro que Leibniz não se preocupava somente com uma teoria do conhecimento ou com uma lógica que fossem mais apropriadas para o fortalecimento das ciências. Apesar de desenvolver e discutir estas questões de maneira soberba. Havia também um uso ético e político, bem como um envolvimento de diversos setores da sociedade para que as questões relativas à ciência pudessem avançar. Neste sentido, associações de sábios e interessados – como a Sociedade Real de Ciências de Londres, a Real Academia de Ciências de Paris e a futura Academia de Ciências de Berlim (fundada em 1703, no qual Leibniz fora o primeiro presidente) – já se constituíam em um

entendimento de que o conhecimento necessita não apenas de uma estrutura formal para seu bom funcionamento, mas um apoio financeiro e político para as suas ações. O *Projeto para a criação de uma sociedade de artes e ciências na Alemanha* (LEIBNIZ, 2007, p. 95-107) de 1672 reflete bem o engajamento, se pudermos usar este termo, de Leibniz com a expansão do conhecimento científico. Especificamente neste texto, Leibniz procura demonstrar que a busca pelo conhecimento racional de maneira alguma fere os desígnios da divindade e seus valores universais e absolutos.

Ao contrário, o conhecimento seguro afirma, fortalece e aumenta a glória divina, e obviamente, o prestígio dos ducados e do rei. A ascensão das ciências representa a felicidade humana e a supremacia de Deus. Se há alguma possibilidade de se enfrentar o problema, Leibniz o vislumbra partindo da própria humanidade e de sua condição natural. Ele argumenta que “os desígnios dos homens são diferentes, mas a verdade é uniforme e todos os que a buscam, seja em que matéria for, se ajudam mutuamente” (LEIBNIZ, 1923, A, III, 1, p. 269). Como se forma esta unidade pela busca do conhecimento? A razão, enquanto atributo do homem e uma qualidade fundamental de determinadas mônadas, constitui o caminho necessário desta empreitada. Leibniz nos apresenta em diversos escritos esboços que apontariam uma forma mais segura e suficiente de raciocinar. Deve-se saber utilizar a razão e seu poder. Como isso é possível?

A arte do bom raciocínio, em acordo com o itinerário matemático, determina a capacidade de se promover adequadamente e efetivamente a invenção. Bem pensar é se movimentar com o máximo de clareza possível entre as variantes lógicas do pensamento, estabelecendo as conexões entre os termos, com a finalidade de apresentar da forma

mais indubitável as cadeias de definições e demonstrações. Para tanto, podemos perceber como o pensamento de Leibniz aparece em textos importantes como as *Meditações sobre o conhecimento, a verdade e as ideias* e *Sobre a origem radical das coisas*. Em ambos escritos, Leibniz aponta para as diferenças entre os métodos matemático e geométrico, buscando demonstrar os limites deste último. Apesar de sua evidência lógica e sua utilidade, a geometria não é suficiente para enquadrar ou dar as diretrizes para o pensamento claro. As figuras apresentadas pelo geômetra possuem um limite intransponível para Leibniz, que em última instância não conduzem as demonstrações com um rigor necessário. Tal limitação, segundo Leibniz, seria dada pelo próprio traço do geômetra.<sup>2</sup>

Com esta interferência fundamental, o que o método geométrico apresenta pela figura de seu desenhista é um plano de coação e persuasão. Neste sentido, o conhecimento e suas pretensas verdades são apresentados e contam muito mais com as limitações dos interlocutores em refutar à altura as demonstrações, do que estabelecer um ambiente para que o raciocínio possa ser comprovado. As distinções entre os métodos geométrico e matemático são fundamentais para compreendermos em qual extensão se dá a ideia de invenção para Leibniz. Sua crítica considera a geometria como um passo, um meio e um intermediário importante para o raciocínio formular proposições e suas demonstrações. Porém, servem como apoio, propedêutico ou não, para a formulação de juízos que avancem no conhecimento e conduzam para a verdade. Raciocinar para Leibniz é não ser coagido por nada,

2 LEIBNIZ, 1965, GP VII, p. 21-22. Carta à Gallois: “O verdadeiro método deve nos proporcionar um ‘filum Ariadnes’, desta forma, um certo meio sensível e grosseiro que conduza o espírito, como são as linhas traçadas em geometria e as formas das operações que se prescrevem aos aprendizes em aritmética”.



mas atingir pelas próprias luzes a clareza das demonstrações,<sup>3</sup> “para raciocinar de maneira constante e perfeita sobre os sintomas e sobre as circunstâncias dadas” (LEIBNIZ, 2011, p. 22). As figuras e esquemas funcionam e muito bem como auxiliares ao raciocínio, mas não como sua finalidade. O próximo passo no caminho para raciocinar seria então a constituição de caracteres. Leibniz segue um esquema lógico que determina em primeiro lugar a imagem, afinal não há negação da experiência como um momento fundamental para a constituição do saber; em seguida o cálculo para finalmente a confecção de caracteres que processem o pensamento desta realidade.

Os sentidos, no entanto, apresentam sérias limitações, e muitas de suas formulações não podem ser universalizadas. Eis o embate clássico com Locke, nos *Novos Ensaios*. Da imagem, naturalmente surge a sua definição e finalmente a ideia. As imagens estariam para os sentidos, assim como os caracteres para o pensamento. Por isso, o conhecimento intuitivo é no máximo para Leibniz, factível. Seu limite não permitiria alcançar verdades para além da experiência e permaneceriam somente nas verdades de fato. Este é o limite do raciocínio, que uma vez transposto, alcança o seu potencial na formulação de proposições e demonstrações destas proposições, desenvolvendo, se preciso, novos caracteres para satisfazer novas exigências que o pensamento impõe. Por isso, figuras e esquemas são aceitos por Leibniz, desde que não representem o resultado final de um saber. São meios que podem vir auxiliar o encadeamento de ideias no seu propósito de formular

3 LEIBNIZ, 1965, GP,VI, p. 49. «(...) que la Raison est l'enchainement des Verités, mais particulièrement (lorsqu'elle est comparée avec la Foy) de celles où l'esprit humain peut atteindre naturellement sans être aidé des lumières de la Foy). »

proposições. É muito claro que o modelo que Leibniz utiliza, tanto para criticar e aperfeiçoar o procedimento geométrico, quanto para afirmar o seu modo de raciocinar, é o matemático.

O cálculo, segundo sua defesa, serve como modelo para sistematizar a física, mas também a moral e a metafísica. As coisas são substituídas por caracteres ou “sinais próprios para exprimir todos os nossos pensamentos [...] e [...] todas as investigações que dependem do raciocínio se fariam pela transposição destes caracteres e por uma espécie de cálculo, o que tornaria a invenção das coisas mais belas extremamente fáceis.” (LEIBNIZ, [-], p. 16.) Notadamente, este será o recurso para Leibniz defender uma língua universal, tanto de uso civil ou ordinário, quanto de uso filosófico. Os caracteres que substituem as coisas alcançam combinações cujo limite é o próprio raciocínio. Na medida em que novas combinações fossem possíveis, outras luzes se acenderiam com relação aos objetos, fatos, eventos vislumbrados pela razão. Diferente de um conceito ou uma noção, um caractere circula em diversas áreas, de acordo com a necessidade da investigação e do raciocínio proposto. Não se fechando em apenas um campo do saber, o caractere auxilia na formulação de outro, que pode complementar a análise, que por sua vez pode ser o mote para a criação de outro, *ad infinitum*. Por essa razão, a arte de inventar depende de um pensamento livre, criativo e ativo, sem as amarras que possam lhe restringir a análise, e fundamentalmente, sem arriscar a luz da descoberta e o rigor da demonstração.

O nosso acesso ao mundo é simbólico, pela via, segundo Leibniz, da descoberta e sistematização adequada dos caracteres. Estes, por sua vez, são em última instância substitutos das coisas, as representando em seu mais alto grau. Portanto, não tendo passagem livre para as coisas do

mundo (como propõe o pensamento intuitivo), senão pela via constituída por uma linguagem, que está impressa tanto na alma quanto na cultura, resta-nos sem dúvida a missão árdua de constantemente aperfeiçoá-la. A linguagem demonstra e revela, mesmo de forma insuficiente, a dinâmica do pensamento. É um constante movimento que vai de adequação em adequação, que não cessa em nenhum momento na busca pela perfeição e pelas verdades eternas. A invenção para Leibniz, como a conquista maior do pensamento racional, não é garantia absoluta do acesso irrestrito às verdades, mas constitui uma adequação mais verossímil à lógica do próprio pensamento.

Nos *Novos ensaios*, capítulo XII, do livro IV, tendo como tema ‘*dos meios de aumentar os nossos conhecimentos*’, Leibniz analisa os limites tanto da geometria quanto da física nesta questão. Para ele, tanto uma como outra são capazes de fundar racionalmente o conhecimento, pela via dos axiomas e da demonstração, mas não possuem um alcance maior no que tange a suprimir a imaginação do encadeamento de ideias distintas. Principalmente na maneira dos geômetras em empreender o raciocínio, que são demasiado dependentes dos sentidos e também das imagens, o que leva o pensamento ao erro (LEIBNIZ, 1974, p. 357). No exemplo das duas retas aproximadas que em algum momento viriam a se encontrar novamente, Leibniz critica o fato de se ignorar as retas assíntotas (retas que podem se aproximar em um gráfico, sem no entanto se tocarem ou cruzarem), erro no qual ele atribui à deficiência de uma demonstração de definição de reta. Por isso ele afirma que “O princípio dos princípios é, de algum modo, o bom uso das idéias e das experiências” (LEIBNIZ, 1974, p. 356). Neste sentido ele defende que “a arte de descobrir as causas dos fenômenos ou as hipóteses verdadeiras é como a arte de decifrar, frequentemente, uma conjectura engenhosa, encurta muito o caminho”

(LEIBNIZ, 1974, p. 359). O pensamento de Leibniz segue praticamente a mesma lógica, na exposição de um sistema que se apresenta como simples e fechado, mas em seguida complexo e aberto. A mônada é sem dúvida o paradigma que expõe esta forma de pensar.

Neste ponto, o pensamento ainda rigoroso se movimenta em suas regras e limites, dentro de seus axiomas. Mas não cessa jamais de combinar possibilidades, atualizar pontos de vista e com isso inventar, criar, descobrir e decifrar.

#### A ENCICLOPÉDIA DO PENSAMENTO LEIBNIZIANO

Leibniz propõe um esboço no qual separa as ciências em diversas áreas, visando a finalidade de seu objeto em acordo com o desenvolvimento do conhecimento em geral. No seu *Projeto a respeito de uma nova enciclopédia*, Leibniz demonstra, como de hábito, um poder de síntese na proposta de uma ciência em geral. A questão é facilitar e promover a reflexão sobre o mundo e fundamentar com o máximo de certeza as verdades que alicerçam as ciências. Explicitemos abaixo o esboço feito por Leibniz que procura organizar o corpo das ciências em acordo com sua arte de inventar. Segue o esquema proposto por Leibniz: 1) *Gramática* ou arte de entender; 2) *Lógica* ou arte de julgar e de tirar conclusões; 3) *Mnemônica* – arte de reter e recordar o que apreendemos; 4) *Tópicos* – a arte de descobrir; 5) *Arte das formas*– sobre o mesmo e o diverso, o semelhante e o diferente; 6) *Logística*– do todo e da parte (magnitudes); 7) *Aritmética*– transformação das magnitudes em números; 8) *Geometria*– sobre a posição e as figuras e todas as suas separações; 9) *Mecânica*– estudo da força e do movimento; 10) *Peografia*–

das qualidades sensíveis (luz, cor, som, odor e solidez, fluidez, etc...); 11) *Homeografia*- das substâncias que dizem respeito a somente uma espécie; 12) *Cosmografia*- ciência dos maiores corpos do universo; 13) *Idografia*- estudo das espécies; 14) *Ciência Moral*- espírito e conhecimento (Política e jurisprudência); 15) *Cosmopolítica e Geopolítica*- toda história e geografia civil; 16) *Teologia Natural*- substâncias incorpóreas.<sup>4</sup>

Nos demandaria muito tempo e muito mais energia para poder sistematizar de forma adequada e explicitar em seus pormenores a proposta de Leibniz. A questão é que o mapa acima proposto se mostra coerente em acordo com o método expositivo e propositivo de Leibniz. Existem conceitos que, mesmo específicos e muito especializados em uma determinada área de atuação, influenciam diretamente outros saberes, modificando-os e atualizando-os. A ideia de força, por exemplo, carro-chefe da crítica de Leibniz à física cartesiana e à noção de quantidade de movimento, no momento que pode ser demonstrado, se propala em cadeia para outros saberes, modificando-os, por vezes, de forma radical. Como ficam para nós então o entendimento, a partir no novo conceito de força, da ideia de substância? Em grande parte a gênese da noção de mônada pode ser determinada neste ponto, cuja consequência máxima é uma ideia de força que já está contida no interior da própria substância e lança a sua compreensão como *autarquéia*. A organização e entendimento das outras áreas a partir desta modificação se alteram também. Outras classificações surgem e alteram a compreensão sobre áreas que se viam tentadas, pelas novas exigências das ciências, a se manterem fechadas.

4 São 14 disciplinas expostas por Leibniz que visam organizar e desenvolver o conhecimento. Este é um esboço que encontra-se em seus pormenores nas páginas 100-104 do *Projeto a Respeito de uma Nova Enciclopédia que deve ser redigida pelo método da descoberta*. (LEIBNIZ, 2007, p. 95-107).

Por isso, podemos considerar a filosofia leibniziana do ponto de vista do sistema, como fechada, seguindo a própria ordem da substância que se apresenta como simples. No entanto, este fechamento é o ponto de partida para sua abertura, que, uma vez vislumbrada, se mostra agora em sua complexidade. Neste sentido ele afirma que *a simplicidade de uma substância de modo nenhum impede a multiplicidade das modificações* que são encontradas em cada substância simples. Não apenas esta capacidade de movimento e atualização de cada substância, mas as consequências desta dinâmica preterida ao ser por Leibniz, possibilitam a ele pensar em um corpo dos saberes que interage e se modifica a cada instante, numa comunicação efetiva ente as substâncias. Não é à toa que Serres afirma em seus múltiplos escritos sobre a filosofia leibniziana que:

Através desta viagem, que eu realmente pensei que jamais iria acabar, eu preparei pouco a pouco uma teoria das relações. Isto, por que eu trabalhei em Leibniz, a primeira filosofia da comunicação das substâncias, e não das relações; por isso que eu tomei como referência à Hermes. As ciências, por outro lado, avançam especialmente à medida em que substituem um problema dado no conjunto das relações que lhe tornam possível<sup>5</sup> (SERRES, 1994, p. 186).

5 “A travers ce voyage, dont j’ai bien cru qu’il n’allait jamais finir, j’ai préparé peu à peu une théorie des relations. Ce pour quoi j’ai travaillé sur Leibniz : la première philosophie de la communication des substances, non des relations : ce pour quoi aussi j’ai pris comme patronyme Hermès : les sciences, d’autre part, avancent d’autant qu’elles substituent à un problème donné l’ensemble des relations qui le rendent possible ».

As ciências e os saberes não se desenvolvem apenas em suas estruturas internas, na relação direta com seu objeto específico. Há uma especialização que decorre naturalmente do avanço das demonstrações dos objetos de um determinado campo de saber. No entanto, estes objetos se relacionam necessariamente com outros, e na medida em que se comunicam, despertam no interior de cada um deles novas possibilidades, novos raciocínios e tecem outras relações, promovendo descobertas e colocando em plena atividade o que Leibniz considera como invenção. Neste ponto ele afirma que considera “que a definição é o instrumento mais poderoso que pode utilizar o homem para chegar ao conhecimento das essências e das verdades eternas”, estando de acordo que:

[...] as verdades são eternas e as definições arbitrárias, e destas extraio eu mesmo a máxima de que as definições não são o princípio de existência das verdades. Mas ela não impede de ser o princípio do conhecimento, e afirmo que graças a elas, se inventa e se demonstra (LEIBNIZ, 1923, A III, I, p. 270).

O reconhecimento dos limites é um dos grandes trunfos da filosofia leibniziana. Se há um método, um procedimento, ou qualquer outro meio de se avançar no conhecimento do mundo, o primeiro passo é reconhecer a limitação essencial das criaturas. Há dois meios, difíceis, porém necessários e complementares, para vislumbrar esta empreitada e reconhecer estas dificuldades: um pela via da *Monadologia* e outro pela via do reconhecimento de Deus. O que devemos reconhecer, segundo Leibniz é que as ciências se apresentam como um oceano. Esta imagem, descrita por Leibniz, em um opúsculo de 1690, nos apresenta diante das dificuldades bem conhecidas pelo filósofo sobre os caminhos que as

ciências estavam tomando em seu tempo e dos problemas que já estavam causando no que tange à sua organização e sua posterior evolução.



## THE PROBLEM OF INVENTION- A REFLEXION ABOUT KNOWLEDGE IN LEIBNIZ

ABSTRACT: Leibniz is quite critical of the philosophies of the tradition and of his contemporaries. On the issue of knowledge, Leibniz's philosophy is in clear opposition to the most influential and determinative gnosologies of his time, namely, the cartesian philosophy, the empiricism and the Spinozian intuitionism. Leibniz's eclecticism took shape from the criticism directed at them, which, according to some interpretations, sought to reconcile the most distinct viewpoints. However, does the Leibnizian thought in this issue step into other areas of knowledge, as he admittedly did in physics, mathematics or metaphysics? Our aim is to discuss some points of this issue to show that the idea of invention is for Leibniz a movement against the philosophy of the tradition and reflects the dissatisfaction of the thinker with the direction taken by science in general in his time. Based on the opposition to the geometrical method and based mainly on mathematical method, Leibniz establishes a thought that combines the light of the discovery and the rigor of the demonstration in order to be able to effectively navigate in «the ocean of science» and to pursue human happiness.

KEYWORDS: Leibniz, Invention, Knowledge, Thought

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm (-) “Prefácio à Ciência em Geral”. In: *Obras escolhidas*. Tradução de Antonio Borges Coelho. Lisboa: Editorial Gleba Ltda, Livros Novo Horizonte.

\_\_\_\_\_. (1923- ) *Sämtliche Schriften und Briefe*. Hrsg. von der Preußischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin.

\_\_\_\_\_. (1965) Ed. Gerhardt, *Die Philosophischen Schriften von Leibniz*, 7 vols. Hildesheim: Olms.

\_\_\_\_\_. (1974). *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano, A Monadologia e outros textos*. Os Pensadores XIX. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck; Luiz João Baraúna. Editora Abril Cultural, 1ª edição, pp 63-402.

\_\_\_\_\_. (1982) *Escritos Filosóficos*. Tradução de Roberto Torretti, Tomás E. Zwanck e Ezequiel de Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas, p. 666.

\_\_\_\_\_. (2011) *Escritos Metodológicos y Epistemológicos*. Org. Javier Echeverría, Biblioteca de Grandes Pensadores, Editorial Gredos.

\_\_\_\_\_. (2007) *Projeto a Respeito de uma Nova Enciclopédia que deve ser redigida pelo método da descoberta*. Revista Scientiae Studia- Revista Latino Americana de Filosofia e História da Ciência. Tradução de Jorge Alberto Molina e Jorge Affonso Hofmann, v. 5, n.1, São Paulo, pp. 95-107

BELAVAL, Y. (1976) *Études Leibniziennes-de Leibniz à Hegel*. Éditions Gallimard.

MORIN, E. (2009) *A Cabeça bem-feita : repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina, 16ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Russel.

SERRES, M. LATOUR, B. (1994). *Eclaircissements. Entretiens avec Bruno Latour*. Flammarion, Paris.

Recebido: 09/03/2016

Aprovado: 18/03/2016